A Árvore do Saber-Aprender - rumo a um referencial cognitivo

Título original: L'arbre du savoir-apprendre: vers un référentiel cognitif

Hélène Trocmé-Fabre

Tradução: Marly Segreto
Revisão: Maria F. de Mello e Ruth Cunha Cintra
Capa e diagramação: Casa de Tipos Bureau e Editora Ltda.

APRENDER

Uma interação

Para construir o ato de aprender, é necessário inicialmente reconhecê-lo em sua natureza, função e estatuto. O que é que aprende? Para quê? Responder a essas questões significa que o objetivo a ser atingido exige ser clarificado junto aos diferentes atores da situação educativa, antes que haja o engajamento. Um projeto educativo, enfatizamos sempre, só pode ser viável se *todos os parceiros* contribuírem com ele e se beneficiarem dele.

O erro educativo típico consiste em ignorar que o Projeto é resultante das interações entre todos os parceiros. O erro é, também, esquecer que o Projeto depende igualmente do tipo de relações a serem estabelecidas, da natureza dos contratos necessários para definir as interações entre os diferentes parceiros: aprendente ↔ professor; professor ↔ organismo, empresa ou instituição; instituição ↔ aprendente, outros...[1]

[1] cf "*J'apprends, donc je suis*", p. 255.

A relação aprendente ↔ professor não pode ficar congelada num único tipo de troca, unidirecional, o que muitas vezes acontece. O aprendente exprime frequentemente, de modo insistente, um pedido de modelo, de receita, um manual de utilização... Ele pratica uma espécie de "venda forçada" ("venda-me o teu saber" diria ele ao professor, se ousasse a tanto). Ou, então, inversamente, podemos observar as práticas de "compra forçada", quando o professor, cioso de ser eficaz, dá respostas a questões que ainda não foram feitas... e nem mesmo concebidas pelo aprendente.

Se não se trata de ignorar o que está subentendido no pedido de modelo feito pelos aprendentes (nosso cérebro tem necessidade de automatismos, de hábitos que tranquilizem e, mesmo, de ritos...), trata-se, contudo, de evitar com vigilância os múltiplos riscos de fechamento no existente, no determinado, no já visto, no pronto-para-pensar, no pronto-para-dizer, no pronto-para-fazer e, mesmo, no pronto-para-crer. Essas são as regiões de oposição ao *reconhecimento do vivo* e à sua característica de ser capaz de inovar e em devir.

Ser ator e autor

O papel dos educadores é o de lembrar ao aprendente que aprender é, por essência, *a recusa ao fechamento*. O aprendente, segundo a expressão de Edgar Morin, é "auto-hétero-didata".[2] A relação entre o professor e o aprendente deve ser estabelecida numa *progressão em direção à troca*, onde cada um emite e recebe, para que se realize a obra comum. O papel do professor é coerente com a realidade cognitiva, **quando ele acompanha** o aprendente em sua descoberta do meio ambiente e na exploração de suas próprias capacidades de troca com esse ambiente, em seu percurso em direção à autonomia, ou seja, em direção ao momento em que ele será capaz de gerir a si mesmo, "d'entrer en confiance dans la brasse lente"[*], segundo expressão de Michel Serres.

Mas a autonomia não é dada, ela deve ser construída.

Ser autônomo é ser capaz de "auto-sustentação"[*]. Isso implica em enraizar o curto prazo (a urgência) no longo prazo, e em compreender quais são os fatores essenciais que intervêm no ato de aprender. O que implica em compreender que, por detrás do objetivo a ser atingido, acima de nossas ações de curto prazo – locais e de sobrevivência – existem dois fatores fundamentais: nossa representação do objetivo e o momento de *decisão operacional*.

---

[2] E. Morin, entrevistado em MGEN, Nº 138, Agosto-setembro 1991.
[*] N.T. Expressão de difícil tradução, querendo dizer: ganhando confiança em 'marcha lenta', aos poucos..
[*] N.T. De "auto-portance", no original. *Portance* é um componente de sustentação.

Trata-se de compreender também, que acima de todo objetivo há uma finalidade, um ponto de apoio, um grande "*por que",* que pertence ao nosso sistema de valores e que constitui uma referência durável, à qual, apesar de suas diferenças, é possível aos diferentes atores aderir e, então, comunicar – no sentido etimológico da palavra: *construir junto.*[3]

---

[3] Etimologia latina, *communio*, cf raiz *mœnia*, as muralhas.